



**UFRGS**  
70 anos

**UFRGS**  
**70 anos**



UFRGS / CPL  
BIBLIOTECA  
DATA 11/11/04

Reitora - **Wrana Maria Panizzi**

Vice-Reitor - **José Carlos Ferraz Hennemann**

Pró-Reitor de Ensino - **José Carlos Ferraz Hennemann**

Pró-Reitor Adjunto de Graduação - **Norberto Hoppen**

Pró-Reitora Adjunta de Pós-Graduação - **Jocelia Grazia**

Pró-Reitor de Pesquisa - **Carlos Alexandre Netto**

Pró-Reitor de Extensão - **Fernando Setembrino Meirelles**

Pró-Reitora de Planejamento e Administração - **Maria Alice Lahorgue**

Pró-Reitor de Infra-Estrutura - **Helio Henkin**

Pró-Reitor de Recursos Humanos - **Dimitrios Samios**

Secretária de Assuntos Institucionais e Internacionais - **Sílvia Maria Rocha**

Secretária de Avaliação Institucional - **Ana Maria e Souza Braga**

Secretário de Educação a Distância - **Franz Rainer Alfons Semmelmann**

Secretária de Desenvolvimento Tecnológico - **Maria Alice Lahorgue**

Secretário do Patrimônio Histórico - **Christoph Bernasiuk**

Secretário de Assuntos Estudantis - **Angelo Ronaldo Pereira da Silva**

Coordenador de Educação Básica e Profissional - **Aldo Antonello Rosito**

Procurador Geral - **Armando Pitrez**

Chefe de Gabinete - **Carmen Regina de Oliveira**

Direitos reservados desta edição: **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

Organização: **Carmen Regina de Oliveira e Flavia Boni Licht**

Capa, projeto gráfico, editoração eletrônica e seleção de imagens: **Rosâne Vieira**

Revisão: **Carmen Regina de Oliveira, Flavia Boni Licht e Maria da Glória Almeida**

Apoio: **Cláudia Kuele**



# Wрана Maria Panizzi

gestão 1996-2004



## Universidade Viva

**E**m setembro de 1996, ao assumir o cargo de reitora, a autonomia universitária parecia muito próxima – este era o sentimento então dominante na UFRGS e em outras universidades públicas. Por isso, previa-se que meus primeiros meses à frente da Reitoria seriam pautados pela introdução de mudanças estruturais na gestão das instituições federais de ensino superior. Esta expectativa, como sabemos, não se confirmou. As restrições ao pleno exercício da autonomia universitária prosseguiram e até mesmo se aprofundaram – o tema, aliás, continua em discussão, agora, no contexto da reforma universitária proposta pelo governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.





O período 1996-2004, situado em uma conjuntura

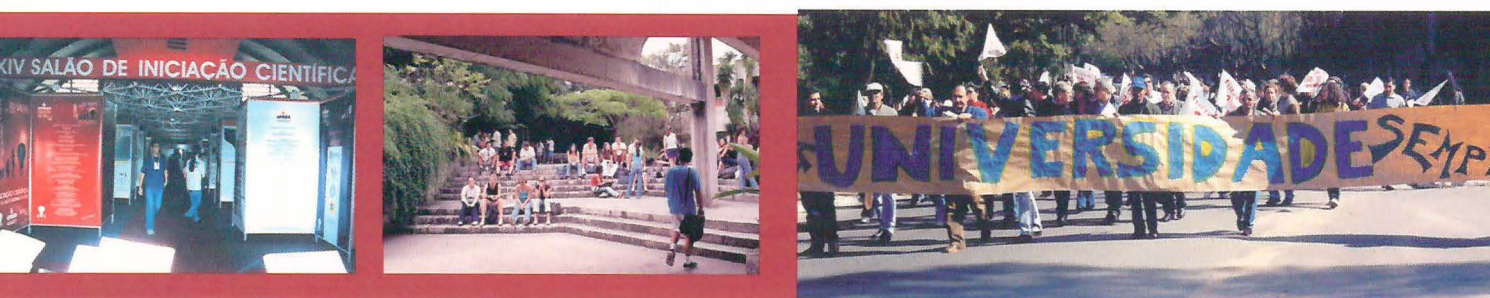


mais ampla, de fato, é parte de um “ciclo de resistência” que já dura mais de uma década. Nestes anos, marcados pelo questionamento do direito

social à educação e pela expansão do mercado de serviços educacionais, a autonomia reivindicada pela comunidade acadêmica desde o final do regime militar, ganhou novo significado: o debate, inicialmente focalizado na crítica à tutela exercida pelo Estado sobre as universidades públicas, aos poucos passou a privilegiar a questão do financiamento da educação superior.

Políticas de austeridade, crise fiscal, reforma da Previdência Social, desvalorização do trabalho de professores e de técnicos-administrativos, diminuição dos recursos para custeio e investimentos – este quadro, tão conhecido das universidades públicas, sem dúvida agravou-se nos anos 90. Na sociedade, as forças políticas que denunciavam sistematicamente a “ineficiência e ineficácia” dos serviços públicos defendiam propostas cada vez mais ousadas. Nunca se falou tanto em privatização. No âmbito das empresas e dos serviços públicos multiplicavam-se os planos de demissão voluntária. A terceirização avançava e inúmeras empresas estatais eram transferidas para a iniciativa privada. Dizia-se, dentro e fora das universidades, que a educação superior pública estava virando “sucata”. Ora, a Universidade é uma instituição da sociedade. As idéias valorizadas fora dos *campi*, evidentemente, se expressam também nas salas de aula,

nos centros acadêmicos, nas conversas de corredor, nos seminários, nas reuniões da administração e dos conselhos acadêmicos. A Uni-



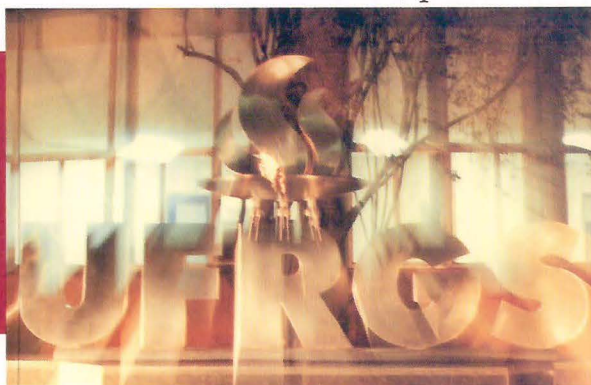
versidade, portanto, igualmente seria alcançada pela descrença nos projetos coletivos, responsável pelo enfraquecimento dos vínculos institucionais, pela feudalização das estruturas acadêmicas, pela fragmentação corrosiva que nos fragiliza “por dentro” e representa uma ameaça talvez tão grave ao ensino público quanto certas críticas vindas “de fora”. Para quem acredita no valor do ensino laico e gratuito, para quem concebe a educação como bem público, para quem pensa que a instituição educacional republicana deve ser referência para todo o sistema de ensino, dirigir uma universidade pública nesta conjuntura significou, antes de mais nada, trabalhar duramente para tornar sua alta missão ainda mais qualificada, legítima e socialmente relevante. Foi o que procuramos fazer, meus colegas de administração e eu, desde aquele setembro de 1996.

A vontade de qualificar a UFRGS como Universidade e como instituição pública orientou e impulsionou nossas ações políticas e administrativas – quando escrevo “nossas”, emprego o pronome apropriado, pois me refiro ao esforço desenvolvido pela administração e pela comunidade universitária como um todo. Diante da crescente fragmentação interna e dos desafios e ameaças “de fora”, tratamos de reunir forças para resistir e para avançar – para reafirmar e aprofundar uma trajetória que já situava a UFRGS como uma das mais qualificadas universidades do país.

A instituição universitária é por natureza diversa: é o lugar da polêmica, da pluralidade ideológica, do conflito democrático, e se não for assim perde a razão de existir como instituição



social. A “unidade” da UFRGS, para nós, jamais poderia ser alcançada com o sacrifício do respeito à sua diversidade. Nossa resistência, por



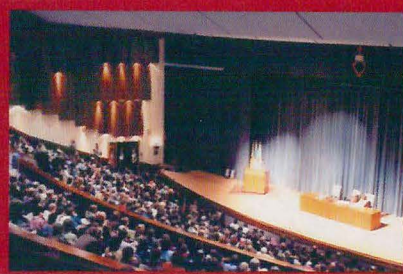
outro lado, não teria futuro se não fosse combinada a uma ousada política de qualificação de nosso projeto acadêmico, pautada pela busca permanente da excelência em todas os domínios do conhecimento.

Desde o início, lutamos pela revitalização do *esprit de corps* da UFRGS. Pensávamos que a Universidade deveria agir, sim, como “corporação”, como associação de indivíduos organicamente articulada para o exercício de sua missão educacional e para a defesa do direito de realizá-la. E tratamos de trabalhar nesta direção. Havia aí uma espécie de armadilha. O desafio que se apresentava era o de realçar as qualidades da UFRGS sem fazer concessões, valorizando nossa identidade em todos os atos acadêmicos e administrativos, inclusive os mais rotineiros. A mensagem que procuramos transmitir foi clara e simples: quando estudamos ou trabalhamos neste ou naquele laboratório, curso, escola, instituto ou faculdade, na verdade estudamos e trabalhamos na UFRGS. Dissemos isto à sociedade e à própria comunidade acadêmica de maneira repetida e insistente. Inspirados por esta idéia, criamos, em 1997, a marca da UFRGS e o *Jornal da Universidade* – muitas vezes premiado, inclusive internacionalmente. Publicado com regularidade há sete anos, nosso jornal é hoje um importante veículo de integração da comunidade acadêmica da UFRGS e do seu relacionamento com a sociedade.

Estas iniciativas, que me vêm a lembrança de maneira um tanto desordenada, de fato perseguiram um único objetivo: reagrupar nossas forças um tanto dispersas e tornar cada um de nós mais iden-



tificado com a UFRGS, para fazê-la uma instituição ainda mais forte e coesa. A extraordinária importância deste



sentimento de *identidade* foi expressa de maneira eloqüente, em novembro de 1997, na “Carta à sociedade gaúcha” assinada pela administração central da Universidade, pelas associações de docentes (ADUFRGS), de servidores técnico-administrativos (ASSUFRGS), de pós-graduados (APG/UFRGS), de antigos alunos (AAA/UFRGS) e pelo Diretório Central de Estudantes (DCE). *Universidade viva*, a UFRGS registrava o orgulho por sua história, mostrando estar consciente das dificuldades que a desafiavam, descontinando o futuro com esperança e determinação. Sentido-se ameaçada, nem por isso nossa Universidade deixaria de lutar por idéias que considerava legítimas, precisamente porque representavam anseios, não de pequenos grupos, mas da sociedade brasileira. Confesso que aquele episódio renovou minha crença na grandeza e na pertinência da missão da Universidade Pública. Acredito que este mesmo sentimento foi experimentado por muitos colegas e estudantes. Outros momentos como este, de grande significado para a afirmação da UFRGS como comunidade e instituição, seriam vividos ao longo dessa época. Lembro, com emoção, da Aula Magna ministrada por José Saramago, em 1998. Ao conceder o título de Doutor *Honoris Causa* ao grande escritor português, creio que a UFRGS, mais uma vez, cimentou suas partes. O mesmo aconteceu recentemente, em setembro de 2004, quando, outra vez, a UFRGS encontrou-se como comunidade, em Aula Magna ministrada por Joaquim Alberto Chissano, presidente de Moçambique, que, sem dúvida, contribuiu para tornar ainda mais fortes os laços que nos unem ao continente africano.

Se, ao longo de todos esses anos, trabalhamos continuamente para a afirmação da identidade da UFRGS, sempre soubemos que esta

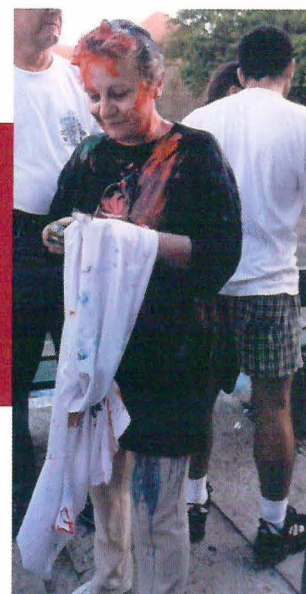
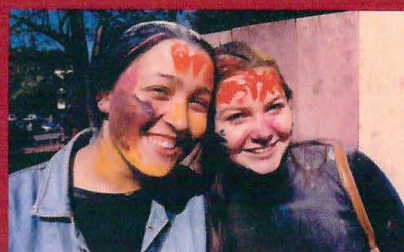
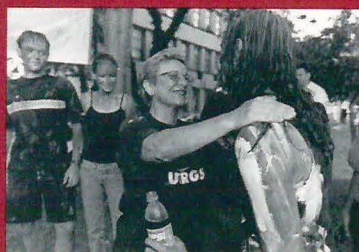


era tributária, antes de mais nada, da excelência de nossos cursos, da qualidade de nossos docentes, técnicos administrativos e estudantes, de nossa capacidade de ensinar e produzir conhecimento socialmente pertinente e relevante, do alcance e profundidade de nossas atividades de extensão. Por isso, sob a égide da proposta *Universidade Viva* e, seguindo as diretrizes de nossos Planos de Gestão 1996-2000 e 2000-2004, exaustivamente debatidos pela administração e aprovados pelo Conselho Universitário, levamos adiante um sem número de iniciativas voltadas especificamente para a qualificação de nosso projeto acadêmico.

É muito difícil comparar ou medir as ações empreendidas por nossa administração. Estou certa, entretanto, que no terreno acadêmico foi onde mais investimos. Como resultado desse esforço, entre 1996 e 2004 – apesar das dificuldades financeiras e apesar da redução do número de docentes e de servidores técnico-administrativos – a UFRGS cresceu em todas as direções. Criamos uma dezena de novos cursos de graduação. Expandimos as matrículas na graduação (22%) e na pós-graduação (52%). Criamos quase 50 novos cursos de pós-graduação, em praticamente todas as áreas do conhecimento – o número de cursos de mestrado cresceu 32% e o de cursos de doutorado, 115%. As vagas no vestibular cresceram 17%, no total, e mais de 160% nos cursos noturnos. O número de grupos de pesquisa mais do que duplicou, passando de 250 para 520. Cresce a cada ano a participação de estudantes e professores nos salões de iniciação científica. Nosso corpo docente se qualificou: neste espaço de tempo, o percen-



tual de professores doutores passou de 39% para 67% – hoje, 90% dos professores da UFRGS são mestres ou doutores.



Nossas políticas na área acadêmica visaram o crescimento qualificado e diversificado de nossas atividades de ensino, com ênfase na democratização do acesso e no trabalho multidisciplinar – como exemplos dessa política, lembro da criação do curso de graduação em Engenharia da Computação e dos cursos de pós-graduação em Microeletrônica e Neurociências. Procuramos explorar e dar conta de novos domínios do conhecimento e, o que me parece muito importante, buscamos uma aproximação ainda maior com os outros níveis de ensino, como fizemos através do Curso de Formação de Professores Leigos.

A melhoria de nosso desempenho no plano acadêmico aparece associada a outras iniciativas. Promovemos notável melhoria no sistema de acesso informatizado a nossas bibliotecas. Em 1999, descentralizamos as matrículas, aproximando-as do cotidiano dos estudantes – em 2004, com sua informatização, tornamos o processo ainda menos burocrático, mais ágil e acessível. Através de programas como o “Pró-Cálculo”, oferecemos aulas especialmente concebidas para ajudar nossos alunos a vencer as dificuldades do cálculo diferencial, procurando apoiar a caminhada do estudante em direção ao diploma. Graças a ações como esta reduzimos a evasão e diminuimos a permanência dos alunos em nossos cursos. A institucionalização do Programa de Ingresso Extra-Vestibular, contribuição importante para a ampliação do acesso à Universidade, foi outra importante iniciativa de nossa administração.



Evoquei há pouco os Planos de Gestão. Creio que ao debatê-los publicamente demos uma valiosa contribuição para a democratiza-

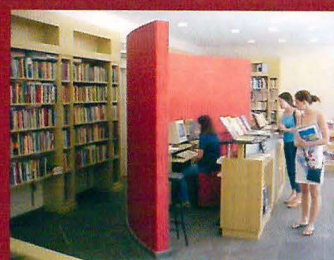


ção e modernização da Universidade. Parece-me que se pode dizer o mesmo a respeito dos seminários de gestão que realizamos periodicamente, da elaboração e publicação, a partir de 2001, do Balanço Social da UFRGS, da apresentação sistemática dos relatórios de gestão em reuniões abertas à participação de toda sociedade – reuniões que inclusive contaram com a presença do governador do Estado, do presidente do Tribunal de Justiça, de importantes lideranças empresarias, sindicais e dos movimentos sociais. Todos estes esforços foram orientados pela vontade de conceber e praticar um novo padrão de gestão. Uma administração menos burocrática, mais dinâmica, mais aberta à participação e à iniciativa, consciente de que a instituição universitária, por sua natureza, não pode e não deve ser gerida como “empresa” tampouco como “repartição pública”. Sem dúvida, resta muito a fazer nesta direção, sobretudo se considerarmos que as universidades públicas federais ainda não dispõem de plena autonomia administrativa.

Ao longo desses oito anos, respondendo a novas demandas ou com o propósito de dinamizar nossos mecanismos de gestão institucional, criamos a Pró-Reitoria de Infra-Estrutura (Proinfra) e as secretarias de Avaliação Institucional (SAI), de Relações Institucionais e Internacionais (SRII), do Patrimônio Histórico (SPH), de Assistência Estudantil (SAE), de Desenvolvimento Tecnológico (Sedetec) e de Ensino a Distância (SEAD).

A Proinfra foi criada para planificar o uso, a manutenção e a expansão de nossos espaços físicos, atendendo demandas de anti-

gos e novos cursos, respondendo ao crescimento das matrículas na graduação e na pós-graduação bem como as necessidades geradas pela



exploração de novas áreas do conhecimento. A SAI deu continuidade e aprofundou o esforço de nossa Universidade visando a construção de mecanismos de avaliação de fato institucionais, que considerem e valorizem sobretudo o trabalho coletivo. A SEAD foi criada para nos ajudar a enfrentar com mais agilidade o desafio do uso das novas tecnologias, visando a democratização qualificada do acesso ao conhecimento e à educação. A UFRGS já possui uma tradição neste terreno, sustentada em trabalho continuado de pesquisa – lembro as experiências do Centro de Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias na Educação (Cinted) e do Fórum de Educação a Distância, criados durante nossa gestão.

Outra tradição da UFRGS é a cooperação acadêmica nacional e internacional, trabalho que, em nossa administração, passou a ser coordenado pela Secretaria de Relações Institucionais e Internacionais. A Secretaria do Patrimônio Histórico surgiu com a missão de impulsionar e implementar o grande Projeto de Resgate do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS. A necessidade do estreitamento das relações de cooperação da UFRGS com a sociedade e, particularmente, com os setores produtivos, levou-nos a criar a Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico, fortalecendo iniciativas vinculadas à nossa rede de incubadoras e tratando de questões como a propriedade intelectual, o registro de patentes e a transferência de tecnologias. A criação da Secretaria de Assistência Estudantil, por sua vez, revelou-se indispensável para agilizar a implementação de uma de nossas mais fortes e destacadas prioridades – o apoio ao estudante.



A UFRGS, como disse, é uma comunidade – e também um território, um espaço e, sobretudo, um *espaço público*. Em nossas uni-



dades isoladas, em nossos *campi*, na Estação Experimental Agrônômica de Eldorado do Sul e no Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos (Ceclimar) de Imbé acolhemos diariamente mais de 35 mil pessoas. Trata-se de um imenso patrimônio, que demanda manutenção, modernização e expansão permanentes. São edificações, salas de aula, laboratórios, estacionamentos, ruas e tantos outros componentes de nossos espaços físicos. São também redes de comunicação, de energia e de abastecimento d'água. É a segurança de cada membro da comunidade universitária. É o transporte de nossos estudantes para seus trabalhos de campo.

Neste aspecto, apesar da escassez de recursos financeiros, também avançamos muito, buscando sempre oferecer melhores condições de trabalho e estudo em nossa Universidade. Fizemos centenas de pequenas obras de reforma e manutenção – e estas, tomadas em conjunto, talvez tenham se constituído em uma de nossas principais ações. Realizamos também grandes obras. Concluimos a construção da Faculdade de Medicina. A Escola de Administração instalou-se em novo local, na rua Washington Luiz, em edifício especialmente reformado para acolhê-la. Construimos o novo prédio do Restaurante Universitário do Campus Saúde, o anexo da Escola Técnica, os novos prédios da Gráfica e da Editora da UFRGS, o depósito da Editora, o Almoxarifado Central, o Centro de Microscopia Eletrônica, a Casa de Desenvolvimento Tecnológico. Investimos no aproveitamento dos “esqueletos” do Campus do Vale e, a partir daquelas estruturas de edificações jamais concluídas, construimos as novas instalações



de diversos departamentos – Informática, Genética, Botânica, Fisiologia, Engenharia Metalúrgica, Engenharia de Minas e Engenharia de



Materiais. Reformamos a creche, a brinquedoteca, nossas três casas de estudante e muitos outros espaços, como nosso emblemático Salão de Festas e as salas que, hoje, abrigam as livrarias da UFRGS no Campus Centro e no Campus do Vale. Realizamos importantes obras de manutenção na Faculdade de Educação, na Faculdade de Arquitetura e na Reitoria. A reforma do antigo Instituto de Filosofia, prédio anexo à Reitoria, possibilitou a criação de quinze novas salas de aula. Dotamos a UFRGS de uma moderna rede de fibra ótica, melhoramos nossas redes de telefonia e os serviços de segurança, manutenção e limpeza de nossos *campi*, elaboramos o projeto de um novo sistema de sinalização para nossas instalações. Cercamos o Campus Olímpico. Iluminamos e cercamos o Campus do Vale, incluindo a construção de um pórtico de acesso – entrada e identificação de nosso território. Ainda no Campus do Vale, construímos o anel viário e novos estacionamentos, delimitamos uma importante área de preservação ambiental e elaboramos o Estudo de Viabilidade Urbanística (EVU).

Entre as obras que realizamos, algumas tiveram especial importância dentro de nossa política de valorização da assistência estudantil. Como mostram muitos estudos e como revelam, particularmente, os estudos sobre o perfil dos nossos alunos, a UFRGS e outras universidades públicas abrigam um número crescente de estudantes de baixa renda. Nossos programas de benefícios, as casas de estudante, os restaurantes universitários, bolsas e outras formas de assistência são, portanto, cada vez mais necessárias, pois contribuem de maneira decisiva para a permanência dos alunos em seus cursos. A título de exemplo,

cito aqui um dado que me parece impressionante: o número de refeições servidas anualmente nos restaurantes universitários da UFRGS



passou de 326 mil, em 2001, para 881 mil, em 2003. Investimos de maneira decidida na melhoria das casas de estudante e na qualificação e expansão dos restaurantes universitários. O novo restaurante do Campus Saúde tem o dobro da capacidade de atendimento do antigo, que se localizava onde brevemente será instalada a biblioteca do Instituto de Psicologia.

O Projeto de Resgate do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS, implementado por nossa administração, é outra expressão importante da qualificação da Universidade como lugar e como espaço público. Entre todas as universidades brasileiras, a UFRGS possui um dos maiores e mais belos conjuntos arquitetônicos edificados no final do século XIX e início do século XX. Desde 1996, quando deu seus primeiros passos, este Projeto conquistou apoios diversos e superou obstáculos, o que tornou possível a completa recuperação do antigo prédio dos Curtumes e Tanantes (atual Museu da UFRGS), do Observatório Astronômico, da Rádio da Universidade, da Faculdade de Direito e do *Château* – prédio que hoje abriga a Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico, a Vitrine Tecnológica, o Escritório de Interação e Transferência de Tecnologia e a Rede de Incubadoras da UFRGS. Além disso, o Projeto já viabilizou a recuperação de parte da Faculdade de Agronomia, bem como a realização de obras importantes em outros prédios do Campus Centro, como a recuperação das cúpulas da antiga Escola Técnica Parobé – que, hoje servindo à Escola de Engenharia, brevemente abrigará a Biblioteca Central da UFRGS.





Ao propormos o Projeto de Resgate do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS, visamos evidentemente muito mais do que a recuperação desta ou daquela edificação. As obras realizadas apontam para a recuperação do patrimônio histórico, cultural e arquitetônico da Universidade e da própria cidade de Porto Alegre. O Projeto fortaleceu também as relações da UFRGS com a sociedade, relembrando a todos que somos uma das mais antigas instituições de ensino superior do país e que, ao longo de nossa existência, temos dado contribuição relevante para o desenvolvimento nacional. Para concretizá-lo, a UFRGS tem recebido o decisivo apoio de milhares de pessoas, bem como de inúmeras empresas, instituições públicas e de outras organizações. O Projeto tem ainda um valor pedagógico, ao chamar a atenção da comunidade acadêmica sobre os cuidados que devemos ter, no presente, com todo nosso patrimônio, com nossos antigos prédios e também com os construídos mais recentemente.

Instituição republicana, ao longo de nossa gestão, a UFRGS procurou estreitar ainda mais seus laços com a sociedade. Multiplicamos as parcerias e os convênios com grandes e pequenas empresas, com instituições públicas e privadas, com organizações não governamentais, com sindicatos patronais e de trabalhadores, com movimentos sociais, com organismos federais, com o Estado do Rio Grande do Sul e com centenas de municípios, de Porto Alegre e sua Região Metropolitana a pequena Ilópolis, incluindo cidades situadas nas mais diferentes regiões gaúchas, como Hulha Negra e



São José dos Ausentes. Nossa vontade de abertura para a sociedade manifestou-se em todas as nossas atividades, sejam elas de ensino,

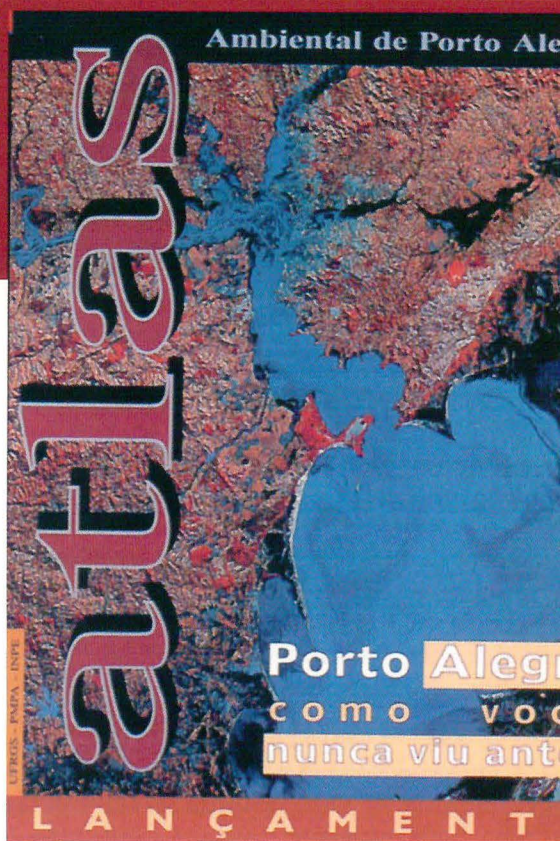


pesquisa ou extensão. Através dos projetos “Conhecendo a UFRGS” e “UFRGS Portas Abertas”, procuramos aproximar nossa Universidade dos professores e estudantes do ensino médio – daí a importância da Coordenadoria de Ensino Básico e Profissional, criada como instrumento de articulação das políticas da UFRGS com as destes outros importantes níveis de ensino.

A UFRGS, contando com seus inúmeros projetos e programas de extensão, interage com a sociedade, no meio urbano e rural. Apenas citando dois exemplos, lembro aqui dos projetos “Produção animal e sustentabilidade no Rio Grande do Sul” e do “Convivência Saúde”, este último realizado em colaboração com o Grupo Hospitalar Conceição. Presentes em todas as edições da Expointer, mostramos à sociedade os resultados do projeto “Caminhos da Integração”, realizado por nossa Universidade em parceria com a Fepagro e a Emater, tratando das mais diversas questões, como pecuária e agricultura familiar, turismo rural, certificação de produtos e artesanato em lã. O Unicultura, nossos programas musicais, as sessões de cinema, as representações teatrais, as atividades da Escolinha de Artes, do Coral e do Projeto Prelúdio têm acolhido, anualmente, mais de trinta mil pessoas. A partir de 1996, o Museu da UFRGS despontou no cenário cultural porto-alegrense como novo espaço de exposições e debates. As mostras “Museu da Dúvida”, “Castro Alves é do Povo” e outras atraíram milhares de visitantes à nossa Universidade. Instalado desde 2002 no antigo prédio dos Curtumes e Tanantes, totalmente reformado para abrigá-lo, exibindo



acervos da própria Universidade – “Antes dos Dinossauros” – e de outras instituições brasileiras e estrangeiras – “La Memória Herida” – , o



Museu afirma-se como nova e importante alternativa de interação da UFRGS com a sociedade. Para dinamizar esta mesma interação, a Rádio da Universidade também se modernizou, melhorando suas instalações e equipamentos, diversificando sua programação, que deixou de ser exclusivamente musical, e incorporando a colaboração efetiva de nossos estudantes.

Ao evocar estas ações, sempre a título de ilustração, relembro de inúmeras outras, marcadas pelo trabalho coletivo e pela cooperação entre instituições. A elaboração do *Atlas Ambiental de Porto Alegre*, coordenada por uma equipe de pesquisadores da UFRGS e realizada em colaboração com a Prefeitura Municipal e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), parece-me nesse sentido absolutamente exemplar. Além de resultar em um trabalho de alto nível, muitas vezes premiado nacional e internacionalmente, a apresentação do *Atlas* à sociedade foi presenciada por quase duas mil pessoas que, ao superlotarem nosso Salão de Atos, construíram mais um vigoroso momento de afirmação de nossa identidade.

A UFRGS foi agraciada com diversos prêmios ao longo de nossa administração, como a Medalha de Porto Alegre, da Prefeitura Municipal, o “Marcas de Quem Decide”, do *Jornal do Comércio*, o



“Marcas mais lembradas”, da revista *Amanhã*, o Prêmio Educação para a Qualidade do Trabalho, do Ministério da Educação, o Prêmio Jovem



Cientista, do CNPq, o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). A forte presença institucional de nossa Universidade no contexto regional a colocou diante de novas responsabilidades e desafios. Desde 1998 a UFRGS preside o Fórum de Reitores das Instituições de Ensino Superior do Rio Grande do Sul. Nossa Universidade foi igualmente chamada a exercer a presidência do Conselho Regional de Desenvolvimento Metropolitano do Delta do Jacuí (Corede) e do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-RS).

No plano nacional, por sua presença institucional, por sua produção acadêmica e pela excelência de seus cursos, a UFRGS é hoje amplamente reconhecida como uma das mais qualificadas universidades brasileiras. Este reconhecimento foi decisivo para que a UFRGS ocupasse a presidência da Associação Nacional de Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes). Na condição de presidente da Andifes, tive a honra de dirigir a palavra ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em agosto de 2004, em um encontro histórico. Pela primeira vez, os dirigentes das instituições federais de ensino superior eram recebidos pelo mais alto dirigente da República. E não se tratou de um encontro protocolar, pois naquela ocasião apresentamos ao presidente a *Proposta de Expansão e Modernização das Instituições Públicas Federais de Ensino Superior*, amplamente debatida pela Andifes. Ainda na condição de presidente da Andifes, dirigi o Conselho Universitário Ibe-

ro-americano (CUIB), que, em novembro de 2003, realizou sua segunda reunião plenária em nossa Universidade, em um encontro



pautado pela afirmação da educação como bem público e pela interação das nações ibéricas com os povos latino-americanos.

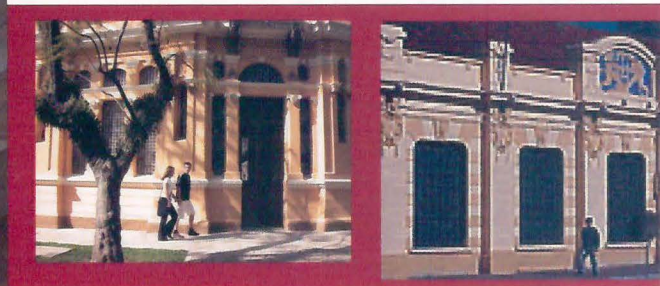
Como já assinali, a UFRGS tem uma longa tradição de cooperação internacional e, neste âmbito, trabalhamos para aprofundar e estreitar ainda mais nossos laços com os países da Europa, com o Canadá, os Estados Unidos, o Japão e, sobretudo, com as nações do mundo ibero-americano. As reuniões com o corpo consular tornaram-se sistemáticas. Nossa presença constante nas atividades da Associação de Universidades Grupo Montevideú (AUGM) e do Centro Extremeño de Estudios y Cooperación con Iberoamérica (Cexeci), este último sediado em Cáceres, na Espanha. O contato com associações de universidades de outros países, como os conselhos de reitores das universidades portuguesas (CRUP) e espanholas (CRUE), o intercâmbio com a Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI), com o projeto Columbus, com a Unesco, com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e com tantas outras organizações, associações e entidades faz parte, hoje, do cotidiano de nossa Universidade. São relações de interação acadêmica, viagens de estudos de alunos, professores e pesquisadores, programas de mobilidade estudantil e tantas outras atividades.

Cabe mencionar aqui a importante participação da UFRGS na Conferência Mundial sobre Educação Superior realizada em Paris, em 1998, e na Conferência Mundial sobre Ciência e Tecnologia realizada em Budapeste, em 1999, ambas promovidas pela Unesco. A UFRGS





também participou ativamente das muitas reuniões, encon-



tros e seminários que prepararam e aprofundaram as propostas aprovadas em Paris e em Budapeste. Nossa Universidade esteve presente no seminário “Universidade, Globalização e Identidade Ibero-americana”, realizado na Argentina, em novembro de 1998, logo após a Conferência de Paris, quando foram comemorados os 80 anos do célebre Manifesto de Córdoba. Na mesma época, organizamos em Porto Alegre o seminário “UFRGS Século XXI: Compromissos e Ações”, reunindo mais de 400 participantes. Um ano depois, em novembro de 1999, a UFRGS promoveu o seminário “Universidade e Ciência na América Latina”. Neste mesmo ano, a UFRGS foi uma das signatárias da “Declaração de Extremadura”, documento firmado na Espanha em reunião organizada pelo Cexeci. Esta entidade deu importante apoio à organização das *cumbres*, como ficaram conhecidas as reuniões de reitores de universidades públicas ibero-americanas realizadas em Santiago do Chile, em agosto de 1999, e em Buenos Aires, em outubro de 2000. A UFRGS foi sede da III Cumbre, em abril de 2002 – nesta reunião, através da “Carta de Porto Alegre”, mais de meia centena de reitores de importantes universidades ibero-americanas firmaram clara posição contra a regulamentação da educação superior como serviço comercial por parte da Organização Mundial do Comércio (OMC).

Todas as idéias, projetos e ações referidas neste depoimento ainda estão muito vivas em minha memória. Acredito que somente o distanciamento oferecido pelo tempo me permitirá uma reflexão



menos apaixonada sobre as realizações de nossa administração. Seja como for, não poderia concluir este testemunho sem dizer algumas palavras de natureza estritamente pessoal.



Desde 1996, participei de mais de 500 formaturas. Na verdade, fui a quase todas as colações de grau realizadas sob nossa administração, ausentando-me apenas quando o próprio exercício da função de reitora impossibilitou minha presença na solenidade. É difícil explicar as razões que me levaram a fazer isso. O certo é que a minha decisão de participar da primeira formatura foi movida pela crença na importância da educação pública para a sociedade brasileira, no papel absolutamente estratégico desempenhado pelo conhecimento para o desenvolvimento e a soberania das nações. E gostei da experiência. Ali estava uma grande oportunidade de demonstrar meu respeito pelos estudantes e de defender os valores da “Universidade Pública, Gratuita e de Qualidade”. Aos poucos, dei-me conta de que participava das formaturas um tanto como reitora e outro tanto como professora e cidadã. A cada formatura eu aprendia algo novo sobre nossa Universidade, nossos cursos, colegas e estudantes. O aplauso e o silêncio do público também me pareciam pedagógicos. A colação de grau, momento tão importante para os estudantes e seus familiares, para a Universidade e para a sociedade, é uma







verdadeira “celebração republicana”. Com o tempo, percebi que participar das formaturas tornou-se para mim uma experiência quase vital. Cada solenidade re-

novava minha crença na missão da educação pública. E muitas vezes agradei aos estudantes por isso. O vigor da juventude, a palavra dita pelos que têm vinte anos de idade, deve ser sempre escutada, porque é feita de sonho e de esperança e porque mexe com nossos próprios sonhos e esperanças – os que cultivamos quando tínhamos vinte anos e os que hoje acalentamos.

Disse alguém que a vida pública somente oferece dois caminhos aos que a exercem: ou a contradição ou a repetição. Aparentemente, trilhei o caminho da repetição. Talvez por isso eu tenha evocado tantas vezes a “Universidade Pública, Gratuita e de Qualidade” nas formaturas e em outras solenidades. A educação é bem público, o conhecimento é patrimônio da humanidade, a universidade deve ser “um lugar fora do poder”: na minha opinião, quando falamos dessas questões, na verdade tratamos de uma utopia pela qual vale a pena lutar – o grande desafio é torná-la realidade, um direito para milhões de brasileiros. Disse coisa parecida, há oito anos, em meu discurso de posse. Passado este tempo, deixo o cargo de reitora ainda mais certa da pertinência de minhas antigas convicções. Faria tudo outra vez, talvez com mais serenidade, certamente com muito mais força e vigor.